

**VIDA MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**  
SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

# "EU DANCEI COM UM CRIMINOSO DE GUERRA!"

(VER NAS PÁGINAS 20 E 21 UMA SENSACIONAL  
ENTREVISTA COM A ACTRIZ SÁRA RAFAEL)



FOTO SILVA NOGUEIRA

PREÇO AVULSO 1\$80 ANO V-N.º 232 25 DE OUTUBRO DE 1945

**VIDA MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**

DIRECTOR:  
JOSE CANDIDO GODINHO  
EDITOR:  
PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"  
EDITORIA, LIMITADA

**PRIMEIRA COLUNA**

**FALAR ALTO**

**POR ANIBAL NAZARÉ**

**E**NGANAM-SE os que julgam que, neste mundo onde milhões de bocas gritam o seu infortúnio ou a sua esperança, vale a pena falar alto para que melhor nos ouçam...

Num descampado onde o silêncio pese sobre a terra, pode ouvir-se um grito. Num conjunto de vozes que falam alto, que gritam um desejo ou uma ambição, um grito a mais só pode servir para cansar e deslulir quem o softe...

Passou o tempo em que mais razão teria quem mais gritasse. Hoje, no mundo, parece valer mais a persistência dum voz que não se alteia, mas que mantém, firmemente, uma opinião e uma certeza.

Gritar muito é um perigo, as gargantas são frágeis e a voz perde-se como areia fina por entre os dedos... Falar sempre, sim. Falar sempre, e sobretudo, dizer sempre a mesma coisa...

\*\*\*

Até porque a calma é companheira inseparável da Razão, vale a pena manter a calma quando se tem a certeza de que a razão está do nosso lado. Perdi-la, é dar um triste espectáculo de ridículo e de impotência. E quando é o pensamento a orientar, os actos são ponderados, executados num absoluto domínio dos nervos, feitos à medida da oportunidade e, quasi sempre, do triunfo.

Por tudo nos parece de arrumar num museu de velharias o ditado antigo: quem mais grita mais razão tem. E, quando os homens de tal se convencem, hão-de passar, forçosamente, a gritar menos — mas a falar com mais firmeza...

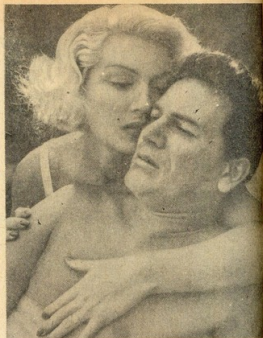


**V**EJAM estas cenas do filme «O parteiro toca sempre duas vezes», em que intervêm, nos principais papéis, Lana Turner e John Garfield.

O foto de banho branco de Lana vai ficar célebre, com certeza!



**CORA (LANA TURNER) VESTE O SEU FATO DE BANHO E VAI NADAR COM FRANK (JOHN GARFIELD)**



**NÃO POSSO VIVER SEM TI!**



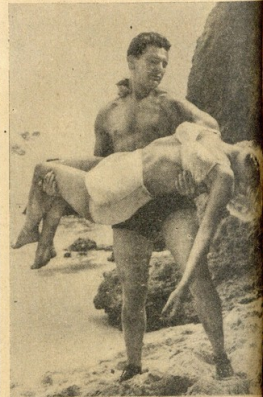
**CORA RESISTE...**



**MAS ELE TOMOU-A NOS BRAÇOS!**



**E BEIJAM-SE, SOB UM FORMOSÍSSIMO LUAR!**



**CORA ESTÁ EXAUSTA. E FRANK LEVA-CARINHOSAMENTE, NOS BRAÇOS...**

# PANORAMA

## MÉRICA

Alon Wagner é um jovem pianista de 21 anos, maquiartista da aviação americana, ferido na guerra do Pacífico.

Encontra-se num hospital de Nova-York onde terá de ser operado, e os amigos ofereceram-lhe este original piano, em que ele toca, mesmo doitado, para alegria e entretenimento dos outros doentes.

## SUÉCIA

A princesinha Cristina, neta do rei Gustavo, é uma criança encantadora.

Aqui a vemos, na praia de Falsterbo, perto do mar e longe das complicações da política internacional.

Homem de desporto e de acção, o velho rei Gustavo deve gostar de ver a sua neta seguir os seus preceitos de ar livre — viver longe de ambiente austero da corte...

## AMÉRICA

O general Mac Arthur, cuja acção na orientação dos assuntos no Japão ocupado tem sido brilhante, era capitão em 1915 — no tempo da outra guerra.

A segunda Grande Guerra mundial veio encontrá-lo no posto de general, e nele se tem revelado um grande militar, dotado duma vontade férrea e dum espírito decidido.

Na foto vemos Mac Arthur, precisamente em 1915 — e no posto de capitão do Exército americano.

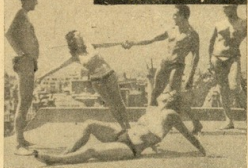
## ALEMANHA



No Mercado Negro de Berlim, estão-se fazendo os mais extraordinários negócios: — uma máquina fotográfica ou um binóculo, trocam-se por um maço de charutos; uma obra de arte, por um chocolate; tudo — por um pouco de manteiga ou de café.

É assim: o Mercado Negro, uma das muitas desorientações da capital alemã...

## FRANÇA



Em Paris, estão em moda os banhos de sol. E todos os lugares servem. O grupo que apresentamos aproveita, para a sua ginástica ao ar livre e para o contacto benéfico dos raios solares, um terraço no telhado duma casa.

E confessamos que, para remediado, já não está nada mal...



A chegada da Missão Militar Brasileira, chefiada pelo sr. general Mascarenhas de Moraes, que comandou a divisão de soldados brasileiros que se bateram no Itália



O Chefe do Estado condecorou os oficiais brasileiros. Os oficiais que compõem a missão brasileira, acompanhados pelo sr. dr. Ribeiro Couto, Encarregado de Negócios do Brasil, pelo Governador Militar de Lisboa e por delegados da Liga dos Combatentes do Grande Guerra e do Exército Português, em continência ao monumento aos mortos da guerra.

\*\*\*\*\*

# FLORBELA ESPANCA

## A Malfadada

por Hortense de Almeida

MAS uma vez, o nome da poetisa alentejana Florbela Espanca surge nas colunas dos jornais, para se noticiar um novo entrave à homenagem que se planeia desde a morte da artista — erguer-lhe, em Évora, um monumento.

Primeiramente (há mais de uma dúzia de anos depois dos alarcos do monumento estarem em pé e, por conseguinte, de ter sido concedida licença ao Grupo Pró-Evora para a efectivação da homenagem, surgiu, inesperadamente, ordem negativa, obrigando a suspensão dos trabalhos por a Câmara pretender saber se a Junta Nacional de Educação achava ou não merecida a homenagem a Florbela, Espanca. A Junta Nacional de Educação pronunciou-se desfavoravelmente, e um despacho ministerial ordenou a recolha do busto ao Museu Regional de Évora.

Há pouco, o ano passado, voltou a ventilar-se o assunto e foi permitida superiormente a homenagem, começando a ser erecto o pedestal, até que, uma ordem da presidência da Câmara eborense suspende os trabalhos com a alegação de não ter sido ainda aprovado oficialmente o local onde se começara a levantar o monumento.

E agora, que o assunto com a Câmara estava solucionado (ou quasi solucionado), uma nota oficial do Governo Civil vem juntar mais um obstáculo a tantos obstáculos, dizendo que por se tratar de uma obra de valor artístico, o busto de Florbela, trabalho do cineal do escultor Diogo de Macedo, não pode ser retirado do Museu.

Florbela Espanca foi em vida, todos o sabemos, de uma infelicidade estranha; infelicidade nascida daquele complexo fisiológico e psicológico, de que era formada e a que, conseguintemente, não podia fugir. Mas, essa infelicidade, proveniente do seu seio, da forma de pensar, de sentir e de proceder da poetisa; desse mundo de inquietações, ansiedades, desejos e requintes de sensibilidade que formavam a base da sua Arte (e a fizeram a artista genial que ela foi), não nos admira. O que nos causa estranheza é, ainda hoje, quasi quinze anos volvidos sobre a morte da poetisa, essa infelicidade (parte integrante do dia-a-dia de toda a sua existência), se conserve implacável e brutalmente afeerrada à sua presa, com garras monstruosamente felinas.

A morte parece ter recebido avaramente, e carinhosamente ter acalentado, aquela... smá sinas que Florbela Espanca julgava destruir por suas próprias mãos na hora do suicídio, e não destruiu.

A que deve Florbela Espanca esta infelicidade tremenda? As culpas da artista (se as teve ante os convencionalismos da sociedade...), estão há muito redimidas pelas páginas admiráveis que escreveu com o seu próprio sangue e as suas próprias lágrimas.

Quando terminará o calvário de Florbela Espanca? Quando terminará o mau fado que nem sequer a tem respeitado no sono profundo de que não pode acordar?...

\*\*\*\*\*

# A NOÇÃO DAS RESPONSABILIDADES

**H**á quem tenha pretendido ver nas palavras com que apreciamos, em crônicas anteriores, certos aspectos da cinematografia nacional um propósito dionísio de desacreditar ou maldizer. Outros, porventura, com a peca muito portuguesa de ler o que não se escreveva, insinuam que adotamos, perante a indústria, uma atitude de desconflência, de miude e de encorajador aguçado que se abalancem à tarefa merifória de continuar a produção.

Tais interpretações são profundamente erradas. É possível que a origem do confusão esteja nas nossas próprias palavras, por terem sido menos felizes ou pouco claras no expresso do que pensamos e sentimos.

Não temos a volúpia de dizer mal. No que se refere ao cinema português, gostaríamos de só encontrar motivos de elogio. Era sinal de que a indústria trilhava sempre o bom caminho. Mas, infelizmente, não sucede assim. É, pior do que isso, os erros vêm-se multiplicando, nestes últimos tempos, com a agravação de que já tivemos e sua época foram banidos oportunamente. Nada os justifica no momento que passa — e têm por isso menos desculpa.

No nosso cinema, há filmes de fôdas as alturas. Mas se nos dermos ao trabalho de os passar em revista, verificamos que a maioria dos que resultaram perante os produtores e o público, foram criteriosamente estudadas, tiveram como base uma organização industrial com a estabilidade financeira requerida, e devem-se a autênticos profissionais de cinema.

Os filmes mal estudados, deficientemente preparados, com equívos técnicos irresponsáveis, redundaram sempre em autênticos desastres, artísticos e financeiros. Tudo quanto pedimos agora é que se não reincida nos erros de outrora; que se estudem, nos múltiplos aspectos, os empreendimentos levados a cabo; que se rodeie dos necessários cuidados a feitura dum filme, na fase que precede a sua entrada no estúdio. E, por outro lado, que só produza quem tiver reunido as capitais necessários para a empresa, por que as soluções a meio do trabalho, sejam as de recar planos e truncar cenas, seja a de contrair empréstimos a particulares — que às vezes procedem como usurários — só refundam em prejuízo financeiro e artístico das obras a realizar, qualquer dêles fatale para indústrias industriais que assentam sobre um único filme.

Temos o maior respeito, devemos até eternecida gratidão, a todos aqueles que pretendam, honestamente, contribuir para o incremento da indústria de filmes no nosso país. Mas não podemos confundir os propósitos construtivos e sérios dos que assim procedem, com as aventuras e as levandades dos que buscam — cinema com outros fins.

Tudo quanto pedimos, no momento actual, é que se não perca a noção e o sentido das responsabilidades, em todos os sectores da realização dum filme. Porque nos parece que é quanto basta — e a experiência assim o demonstra — para servir com dignidade o público e os interesses superiores da cinematografia nacional.

FERNANDO FRAGOSO

Aqui têm-se pernas mais bonitas de Holly e o J. Perfecciona as filhas de Barrie que não foi a primeira mulher a mostrar-se para a televisão — e a mais famosa por isso, toda a gente sabe que não são reveladas, toda a gente sabe que as filhas de Barrie são a primeira a ser fotografadas e a primeira a ser fotografadas em de pernas ao léu... E mais...



Este sorriso tem a alegria e a claridade de uma manhã de Primavera. E Deanne Durbin, através dos seus filmes, é uma brisa de ar puro que entra pela tela — janela aberta sobre o mundo. Pelo menos assim diria, se vê-la, qualquer pessoa habituada a tecer madrigais em estilo metereológico...



Prêto e branco... Capicuco... Qualquer das legendas se ajustava a este singular. Dois negros célebres, Rochester e o chefe do orquestra Duke Ellington. Na meio deles: Red Skelton! Os dois primeiros filmavam «Cabin in the Sky» quando Red os foi visitar. A foto ficou a documentar a cortesia e o bom humor destes três rapazes, que têm divertido o mundo.

# OS FOTOGRAFOS INDISCRETOS DA CINELANDIA

Simples coincidência ou plágio?

## A PROPÓSITO DE "MISSÃO BRANCA" E DO FILME ESPANHOL "MISSÃO BRANCA NA GUINÉ"

A revista espanhola «Primer Plano» informa, num dos seus últimos números, que Juan de Orduña iniciou, no passado dia 2, para a «Cinomial Aje», a rodagem duma película que se intitula «Missão Branca na Guiné». Trata-se, acrescenta a notícia, de uma obra «de ambiente colonial que foca o labor dos missionários espanhóis na Guiné».

A notícia causou nos meios cinematográficos portugueses invulgar interesse, pela circunstância de Leitão de Barros, há mais dum ano, ter anunciado o propósito de realizar «Missão Branca», segundo o conto «Um Drama na Selva», que faz parte integrante da obra «Na Pista do Marfim e da Morte», de Ferreira da Costa. Há mais dum ano também que a Companhia Portuguesa de Filmes vem tratando junto das entidades oficiais, e de acordo com aquele cineasta, das fases preliminares da produção do referido filme, cujas tomadas de vista se localizarão, em grande parte, na África portuguesa. Por outro lado, foram estabelecidas as entendimentos necessários com o Vaticano e a Companhia Portuguesa de Filmes recebeu, há pouco, a adesão do Centro Católico de Roma, em telegrama assinado pelo Presidente daquele alto organismo.

Além disso, foram entabuladas com a Espanha, por intermédio do produtor Dias Amado, as negociações tendentes a associar a cinematografia espanhola à projectada realização. Assentou-se até que os interesses seriam feitos nos estúdios de Madrid, e para o elenco de «Missão Branca» chegou a ser falado, em princípio, o actor espanhol Alfredo Mayo.

Por outro lado, Ferreira da Costa, autor do argumento, partiu para o Ultramar com as tropas expedicionárias e, de passagem pelos locais previstos para as filmagens, levou a incumbência de néles reunir, os elementos necessários para que a.

(Continua na página 16)

# O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO



O popular actor Barroso Lopes, será o saloio «Caracol» do filme «Matinée às 4s...» e Alfredo Bas, o brilhante artista, primoroso em todos os seus trabalhos, interpretará, também um papel de relevo importante.

(Fotos SILVA NOGUEIRA)

## PRECISAM-SE SEIS RAPARIGAS ENGRAÇADAS...

## ...MAS VÃO ESCOLHER-SE DOZE!

## PARA O FILME PORTUGUÊS «MATINÉE ÀS 4»

FICOU assente definitivamente que serão doze e não seis as leitoras da nossa revista, escolhidas para o filme «Matinée às 4s». E isto pelo grande número de concorrentes, que se contam por centenas e pelas possibilidades que muitas apresentam. Queremos dizer as concorrentes mais importantes, que nos têm escrito a perguntar se o Concurso já se efectuou, que todas serão avisadas directamente, do dia, hora e local em que devem apresentar-se perante o júri, e que as filmagens só começaram daqui a um mês, em virtude da «vedetas» Laura Alves se encontrar no Fôrio, onde foi cumprir um contrato ao Teatro Ná da Bandeira.

Dentre de poucos dias, serão chamadas as concorrentes, e até lá, tenham paciência e lembrem-se de que as fotos e os coupagens são aos montes e é preciso pôr tudo aquilo por ordem...

## Um novo filme Luso-Espanhol «GRANDE PRÉMIO»

«Vida Mundial Ilustrada» deu, há algumas semanas, em primeira mão, a notícia de que estava em projecto um novo filme luso-espanhol intitulado «Grande Prémio», e cujo argumento se desenrola em redor da última volta à Espanha em bicicleta. Artur Duarte seria o realizador — e o corredor João de Rebelo, de grande prestígio no país vizinho, actuaria em papel de rélevo.

Hoje, não temos mais do que confirmar a notícia e acrescentar alguns pormenores. Segundo nos informam, o filme deve entrar em produção em Novembro próximo. Compreenderá duas versões: portuguesa e espanhola. Na primeira, tomarão parte, entre outros, Maria Eugénia — a «Menina do Hádiós» — Teresa Casal e, possivelmente, Fernando Curado Ribeiro, no papel do chefe da equipa ciclista portuguesa. João Rebelo, Aniceto Erano e as outras estradistas que participaram na «Volta» participam também no filme.

(Continua na página 16)



...com os olhos destapados... não a sabem, pois não? Esta é Veronika Lake — a garça mais esbelta da Cinelandia, e a que menos pesa... A seu lado, John Dwellie, que apresenta dizem ser especialmente feita ao coração da vedeta...



...as grúas muito conhecidos. Ela é Orlinda Billand, a doce Melange de «E Tudo o que Levas». Ele é Brian Abern, considerado um dos melhores actores dos Teatros de Broadway e um dos galãs mais notáveis do cinema. Venceu trambalharam juntos... É e por estes tubos, que gostam de ir juntos ao cinema.



...aqui está um casal feliz: Ray Milland e sua mulher. Constataram em Hollywood um tempo vivo da felicidade conjugal. Se ativerem na foto, verão que aquele ar enjoadado que Ray Milland costuma ter no cinema, não se vê, por certo, uma consequência do ambiente do lar...



...há poucos anos, era ainda uma garota, feia e sem talento. Agora cresceu. E Jane Withers é tem namorado. Ele é Buddy Feyer — e se o templo de Shirley Temple pega, qualquer dia lá teremos os dois casadinhos, ainda que a lembrança dos folgadoes infantis não se haja perdido na bruma do passado...



Quando Luna Turndie vai ao telefone, todas as suas colegas do estúdio se dispõem a encantar... Tal é, na sua suntuosidade, esta foto. Afinal tratase de determinada cena de um filme em que a vedeta tomou parte... Mas digam às leitoras, se resistiram a semelhante atitude de indiscrição, se porventura estivessem em situação semelhante...

Oscar de Lemos é o terceiro noivo de Ana Maria Compy no novo filme luso-espanhol que Artur Duarte dirige em Barcelona, e que se intitula «El perigo de debrucar-se». Trata-se da versão cinematográfica da obra «El peligro osomarse al exterior», de Jordi Ponceillo, e como se sabe, além de Oscar nêle participam Amaranco, Erico Brago, Carmilido de Oliveira, etc., e Milu, que centu uma linda canção. O filme está quasi terminado e deve ser estreado em Lisboa no fim do corrente ano ou nos primeiros dias de 1946.



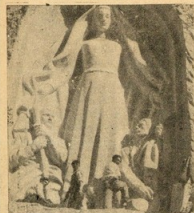
UM MONUMENTO À VIRGEM DOS PASTORES A 1.900 METROS DE ALTURA!

**N**A Serra da Estrêla, esculpido na própria rocha, a mil e novecentos metros de altura, onde o céu parece estar mais perto e mais longe as coisas mesquinhas da terra, está o escultor António Duarte coñstruindo a sua grande obra: — o monumento à «Virgem dos Pastores».

Esculpido em linhas fortes, e não destoar do rude ambiente das rochas, o trabalho de António Duarte é uma obra definitiva, daquelas que impõem um artista e são uma notável afirmação de fé.

A 1.900 metros de altura, lutando com mil dificuldades, que é desnecessário encarecer, António Duarte ergue uma Virgem dos Pastores que vai ser um motivo de Crença e um pilar glorioso da sua vida de artista!

A inauguração do monumento, em 1946, constituirá um notável acontecimento artístico e religioso.



Pelo tamanho dos homens que estão trabalhando junto dele, pode avaliar-se o tamanho do monumento.



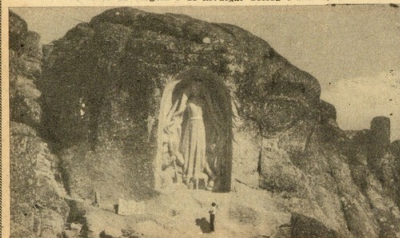
Outro detalhe do monumento. Junto está o artista.



Um pormenor da obra de António Duarte.



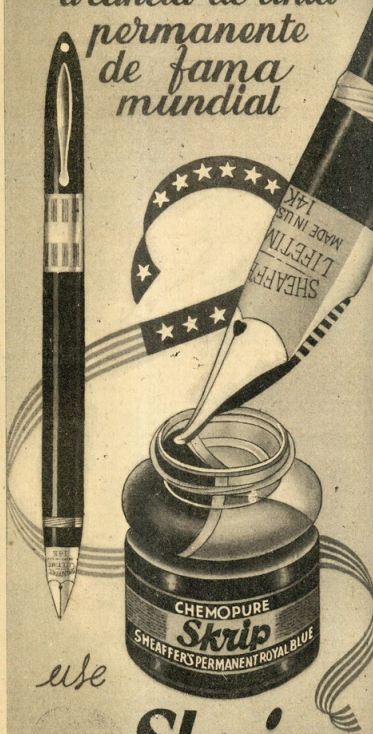
O rosto da Virgem é de invulgar beleza e suavidade.



O monumento esculpido na rocha.

*prefira*  
**SHEAFFER'S**

*a caneta de tinta permanente de fama mundial*



*use*

**Skrip**

**O SUCESSOR DA TINTA**

DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL:  
**AZEVEDO & DUARTE, L.<sup>DA</sup>**  
RUA DO CRUCIFIXO, 76, 1.<sup>ª</sup> — LISBOA — TELEF. 26294

# HISTÓRIA

## DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO



### CAPÍTULO XXVIII

### O DRAMA DE TOULON

**P**ORQUE não intervieram os alemães, a tempo de evitarem a destruição da esquadra francesa cujo concurso teria sido de incalculável valor para a execução dos seus planos de guerra? Não quiseram ou não puderam fazer com sentido de oportunidade de molde a que a sua intervenção se traduzisse por consequências decisivas e definitivas?

Antes que essa destruição se consumasse, o governo do Reich, na previsão dos acontecimentos dramáticos que finalmente se produziram, tentou, por intermédio dos seus representantes na França ocupada e utilizando simultaneamente a acção dos diplomatas e dos militares, influir no espírito dos dirigentes de Vichy a fim de que estes não permitissem que a ordem dada ao almirante Laborde fosse integralmente cumprida. Mas essas diligências malograram-se por haverem deparado com a recusa formal por parte de certos chefes militares, os quais pensavam que o interesse da França estava muito mais em se conservar fiel ao espírito do armistício do que em fazer de claradamente, como pretendiam os colaboracionistas de Paris, o Jôgo do Reich.

O diálogo histórico travado entre o almirante Abrial, cujas tendências nitidamente colaboracionistas quasi faziam esquecer por completo a recordação do herói de Dunkerque, e um oficial subalterno que, no Arsenal de Toulon, recebeu um telefonema seu pedindo para suspender a execução da ordem de afundamento, foi o epílogo dessa diligência malograda.

Quando o almirante Abrial, invocando a sua categoria e a sua situação oficial deu pelo telefone conhecimento das suas intenções e procurou transmitilas aos almirantes Laborde ou Marquis, recebeu a resposta categorica de que nenhum dêles ali se encontrava, o que o levou a desistir do seu intento de fazer suspender a execução da ordem de afundamento. «É demasiado tarde, senhor ministros». Tal foi a única resposta dada à sugestão de Abrial para que se fizesse a vontade aos alemães profundamente interessados em impedir que a esquadra francesa fosse para o fundo do mar.

#### A SORTE DO ALMIRANTE LABORDE

Durante muitos dias correram as mais desencontradas versões sobre a sorte do almirante Laborde e dos seus subordinados. Mas tarde esclareceu-se que todos tinham sido feitos prisioneiros dos alemães, em seguida ao episódio do afundamento, com excepção dos oficiais que, em numero muito limitado, sucumbiram em consequência dos incidentes a que o afundamento deu lugar. O

almirante Laborde foi o último dos oficiais de marinha a desembarcar em Toulon cumprindo, assim, escrupulosamente, o seu dever de chefe responsável.

Correu alnda, durante algum tempo, a versão de que o almirante Laborde se suicidara ao constatar que a ordem do afundamento tinha sido rigorosamente cumprida e que a esquadra do seu comando fóra enviada para o fundo do mar. Essa versão foi mais tarde desmentida quando se tornou oficialmente conhecida a sorte de Laborde. O seu nome, que adquiriu rapidamente uma notoriedade mundial, cêdo foi esquecido o que se compreende quando se considera o carácter equívoco das suas attitudes anteriores. Mas o seu gesto em Toulon traduziu-se por consequências que vieram a revelar-se da mais alta importância para a vitória da causa em cuja defesa a França se empenhara durante a primeira fase da guerra.

Os nomes dos almirantes Laborde e Marquis ficaram indissoluvelmente ligados ao episódio de Toulon, cujas consequências decorrerão de dia mal queiriam, pois o seu procedimento era, sobretudo, explicado pelos escrupulos de ordem profissional que, de resto, constituíam a razão suprema para os officiaes da marinha de guerra francesa que desejavam poder afirmar, em todas as circunstâncias, que não cultivavam a politica nem desejavam que esta se sobrepusesse ao seu dever de chefes dum ramo relativamente importante da força armada posta ao serviço da França.

#### OS NAVIOS QUE SEGUIRAM PARA O NORTE DE AFRICA

Dos navios que se encontravam fundados em Toulon, nem todos se resignaram a cumprir a ordem de afundamento. Alguns dêles, embora em numero reduzido, preferiram ariscar tudo para darem satisfação aos sentimentos profundos das respectivas tripulações. Esses sentimentos tinham-se manifestado, por mais duma vez, com uma tal exuberância que ninguém tinha dúvidas sobre o seu verdadeiro sentido nem sobre a sua finalidade.

Essas unidades resolveram juntar-se aos elementos que se haviam revoltado no Norte de Africa e fazer com êles causa comum. Entre elas contavam-se os submarinos «Iris», «Casablanca», «Glorieux» e «Marsouin». O primeiro tinha apenas uma deslocação de 570 toneladas, à superfície. Os outros eram unidades de grande raio de acção, cuja tonnellagem, em quasi todos, atingia, em média, as 1.400 toneladas à superfície. Estes submarinos estavam, por isso, em condições de tentarem, com êxito, grandes travessias e de alcançarem os portos franceses do Norte de Africa sem correrem qualquer

risco apreciável. O «Iris» foi, porém, obrigado a arribar a Barcelona, onde a respectiva tripulação ficou internada durante algum tempo, sendo necessarias prolongadas negociações antes que se procedesse de novo à sua libertação.

Em consequência dos incidentes a que deu lugar o afundamento, registaram-se algumas vítimas, embora em numero reduzido, a bordo dos navios afundados. Seis mortos e um numero senhamente idéntico de feridos, tal foi o balanço em perdas de vidas humanas a que o episódio de Toulon deu lugar.

Dos navios que não foram totalmente afundados nenhum ficou em condições de ser utilizado, pelo menos imediatamente. As autoridades e os peritos navais alemães chegaram a encarar a hipótese de utilizar algumas dessas unidades e de pôr em a refutillar outras com relativa rapidez, mas a idéa cêdo teve que ser posta de parte.

#### AS UNIDADES IRREMEDIAVELMENTE PERDIDAS

Quanto la unidades ligerias alnda podia alimentar-se a esperança de, num prazo de tempo mais ou menos curto, seria possível aproveitar os seus serviços depois de demoradas reparações. Mas quanto la unidades pesadas, cruzadores e outras, era inútil acalentar a esperança da sua utilização no futuro. Os estragos, produzidos pelas explosões e pelos incêndios, eram de tal forma profundos que nenhuma possibilidade de os salvar podia ser encarada pelos técnicos cuja opinião o governo do Reich procurava conhecer.

No dia seguinte ao do suicídio colectivo da esquadra francesa, o porto de Toulon continuava envolto em densas nuvens de fumo. Algumas das unidades que se não haviam afundado completamente continuavam a arder, vendo-se sair delas chamas elevadas. Dos contratorpedeiros que se encontravam no porto foi possível salvar três que estavam em doca seca. Mas os coraçoados e os cruzadores de mais de dez mil toneladas deviam considerar-se perdidos

para sempre, em virtude da decisão heroica das suas tripulações e dos seus chefes.

As condições em que a Juta veio mais tarde a evolucionar na zona do Mediterrâneo teriam sido, decerto, bem diferentes se a esquadra francesa não tivesse sido afundada em Toulon. A esquadra italiana teria sido senhamente reforçada com resultados imediatos para a causa do Nôxo na Europa. Em lugar disso, o que aconteceu? A esquadra italiana foi obrigada a suportar, sôzinha, todo o peso da luta no Mediterrâneo, e as suas intervenções passaram a resultar invariablymente em desastres, cada vez mais espectaculars e mais desastrosos.

Esta foi a lição principal que todos os beligerantes recolheram do episódio de Toulon, mas de maneira especial os Ingleses, foram os únicos a beneficiar em proporções que, nessa altura e mesmo alnda algum tempo depois, era impossível prever.

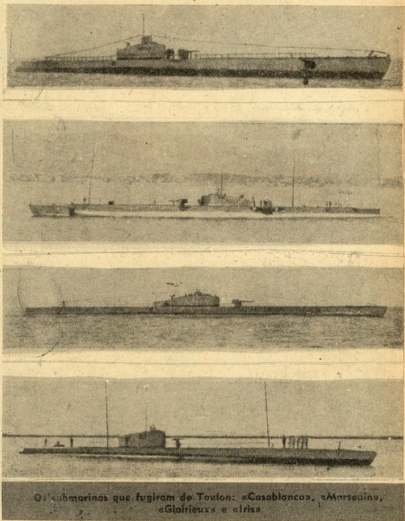
APRENDA RÁDIO  
POR CORRESPONDENCIA ECA FORTISSIMO GRATIS

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO  
A. DE MANUEL LABANZINHA, 112 - PORTO

LIVRARIA ECLECTICA  
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 58 - LISBOA



# OS TESOUROS ARTÍSTICOS DE PARIS REGRESSAM...

**D**URANTE seis anos os tesouros artísticos da França estiveram em perigo. Graças ao esforço e à previsão da Direcção dos Museus Nacionais, o património francês, se sofreu danos nos seus detalhes, conserva todas as suas peças principais.

Paris, como todas as grandes cidades, fechou os seus museus e exilou as suas obras de arte. Chambord, um dos mais belos castelos à beira do Loire, recebeu o principal deste património.

Chambord, berço de tantos grandes nomes, guardou, neste período de guerra, sob as suas abóbodas, arruinados em milhares de caixas, os Rubens, os Vinci, os Delacroix e tantos outros de nome prestigioso.

Hoje, Chambord, despeja-se; as telas célebres, os bronzes famosos, os mobiliários preciosos vão tomar o seu antigo lugar prudentemente abandonado em 1940. Assim, semana a semana, o Museu do Louvre recupera as suas magníficas colecções enriquecidas ainda durante a sua retirada por doações e por novas aquisições.

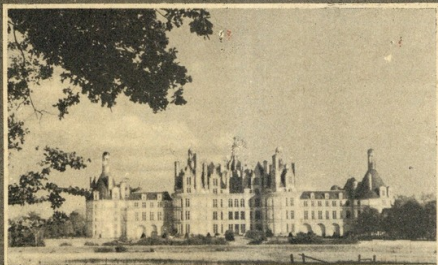
E os parisienses, ao voltarem a visitar o Louvre, ao verem de novo os quadros em seus lugares, pensarão, talvez, que acabam de acordar dum mau sonho — um sonho que as realidades da guerra tornaram em pesadelo...



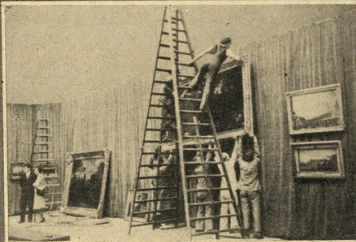
Soldados aliados admiram um quadro célebre da Escola francesa



O «Filhas» de Monet, pintado em 1866. Victorine Meuwère, o modelo de Olympia, apenas usou o costume dum filho de soldado da Guerra Imperial.



O magnífico castelo de Chambord



Os operários ocupam-se da metódica tarefa de colocar as telas e os quadros famosos nas salas que se reabrem à medida das chegadas ao Museu.



O «Moulin de la Galette», de Renoir. Este quadro foi quase inteiramente pintado no próprio «Moulin de la Galette», e a maior parte dos personagens são modelos e amigos do artista.



ESTREOU-SE ONTEM NO

**GINÁSIO**

O EXTRAORDINÁRIO  
FILME COLORIDO

UMA ENCANTADORA  
SUPER-PRODUÇÃO  
EM AGFACOLOR  
BASEADA NUMA  
NOVELA DE  
**THEODOR STORM**

PARTITURA MUSICAL  
DE **WOLFGANG ZELLER**

REALIZAÇÃO DE  
**VEIT HARLAN**

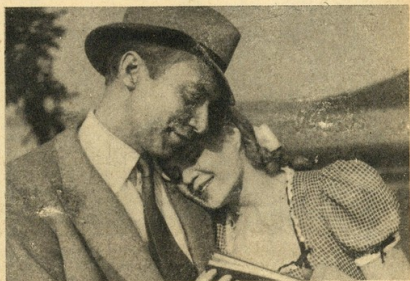
# O LAGO DOS SONHOS

UM FILME DRAMÁTICO DIFERENTE DE TODOS OS OUTROS!

UMA CRIAÇÃO  
INOLVIDAVEL DE

**KRISTINA SÖDERBAUM**

**O 1.º GRANDE EXITO DA PRESENTE TEMPORADA!**



## O LISBOETA E A AVENIDA

POR MANUEL MARTINHO

**A**RRUMARAM-SE as cadeiras da esplanada. A Avenida da Liberdade perleu, por isso, o seu ar alegre, animado, rebrilhante de luzes. Fica, agora, um amplo corredor, de árvores desfolhadas, polvres, descarnadas, chagosas, onde a pardalada assustadica diz os últimos acordes duma marcha fúnebre.

Desde os Restauradores, atulhados de automóveis, ao Marquês de Pombal, silencioso na sua cripta de bronze, a avenida espera que lhe deem mais três palmos que a prolonguem — para desaguar na Penitenciária. Rosa Araújo foi apeado do seu pedestal, num recanto da rua que tem o seu nome. Agora, brevemente, o seu busto irá repousar, placidamente, num dos canteiros da avenida, que éle, numa hora feliz, idealizou.

Nada mais justo — até porque, no sítio onde o esconderam, num canteiro humilde, de coval de aldeia, ninguém o tapava — e só os gatos, eternos vagabundos duma cidade com sol, lhe faziam companhia. Pois bem: a Avenida abriu-lhe os braços — e vai acolhê-lo gratamente.

O sonho de Rosa Araújo custou-lhe dissabores. Nada se podia pensar de

amplo — numa cidade atravancada, que gostava de escutar à portas — e conversa fiada de Janela a Janela. Não, durante muito tempo, tivemos a mentalidade do bêco — e o gósto da vuela.

Nos recantos infétidos, nos postigos da miséria, nas baléades do fado, vivimos sempre, não com olhos, mas com o sentimento. Em vez de encontrarmos a miséria — punhamos a lira a trabalhar e, por consequéncia, trocavamos a obra pelo soneto. Os grandes architectos, nesse tempo, eram poetas desgrenhados, cantores ambulantes do sentimento, armados à trova — e ao fato com nódoas, enebado da bódnia.

Foi por isso que, falando-se da Mouraria, da Alfama, da Madragoa — em vez da agulbeta da Câmara levando sôbre os impetuosos guinchos os talos de couve e os dejectos que a aformoseiam de pitoresco — todos queriam, à viva força, motivos de madralgia onde o Tejo chora balzinho e a canastra e o atoleiro davam rimas de luxuosos, singeleza.

A cidade, por consequéncia, identificava-se com a sua gente.

O Bairro Alto era o mirante do

(Continua na página 16)



O Chefe do Estado presidindo à sessão solenne na Federação das Sociedades de Educação e Recreio.



A Comissão delegada dos democratas que promoveu a reunião do Centro Almirante Reis, foi recebida pelo sr. general Carmona, a quem entregou uma representação.



Na redacção do «Século» foi prestada homenagem ao jornalista Tito Martins, sub-director daquele jornal, que completou sessenta anos de vida literária. Realizou-se um banquete, presidido pelo sr. João Pereira da Rosa, que discursou enaltecendo as qualidades de Tito Martins e fez algumas importantes afirmações sobre imprensa e jornalistas.



A inauguração do ano lectivo na Escola Militar, assistiu o sr. Presidente da Republica, que vemos na foto passando revista ao Corpo de Alunos.



O novo oficial militar inglês, coronel Drummond Wolls, na sua visita à Liga dos Combatentes da Grande Guerra



Aspecto da Exposição de Campismo na Sociedade Promotora de Educação Popular

# JOÃO MARTINS

## UM GRANDE FOTÓGRAFO PORTUGUÊS



João Martins e a sua máquina maravilhosa

JOÃO Martins é considerado hoje um dos primeiros fotógrafos portugueses. Raras vezes a objectiva terá colhido, em paisagens e costumes, uma tão vasta galeria de tão expressivo valor artístico. Haja em vista aqueles motivos de feira que ainda recentemente a nossa revista publicou, e que bem parecem pela cor, movimento e graça, verdadeiras aguarelas dum artista enamorado.

São os rebanhos de gado, gusalhantes, a beberem no valado; as adegas, de altas pipas, atestadas — e o aparato ruidoso do «vinho que vai ser aberto»; são os homens das aldeias, de sumarra e safoes, ar gíngão de quem é dextro no jogo do pau, a bebericarem na venda, de ranto à porta; são os carros, chiando, alojados de feno, e os bois, de focinho úmido, pachorrentos, picados pelo boeiro, que se arrasta à frente com a camisa num farrapo — tudo, enfim, que é vida na aldeia em dia de feira.

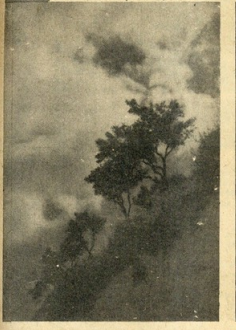
O casario orvalhado, as criptas altas das singelas Igrejinhas onde as pombeas esvoaçam — e o albertim em revoadas, enchendo o ar de docura, e os caminhos pedregosos dum tapete verde — que é o seu «macadame». Sabe dar, na fotografia, o rigor da verdade. Não se desvirtua para tirar efeitos. Não procura favorecer os «fundos» — antes traz, ao primeiro plano, o que possa tornar realmente certo o seu processo de fotografia.

Dai serem os seus trabalhos documentos que poderão ilustrar qualquer trabalho de ficção.

João Martins tem colaborado em quasi todas as revistas — e é um apaixonado pela arte.

«Isto, como todos os artistas, esquivava-se a entrevistas, mas em conversa amena sempre lhe conseguimos arrancar meia dúzia de palavras — e essas

(Continua na página 16)

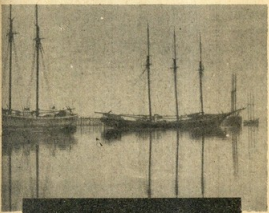


«As poses» — uma fotografia que dispensava legenda



Só um mestre da fotografia poderia conseguir este aspecto!

Esta maravilhosa fotografia intuitiva, na colecção de João Martins, «Nuvens no Cahical».



«Os Veleiros», uma foto que é uma obra de arte!



Esta foto está em Hollywood, em casa de Tyrone e Anabela, que a tiraram, quando do sua passagem por Lisboa, e a pediram ao artista.



No Ribatejo encontrou o artista este motivo magnífico!





# UM CASO NOVO NA TAUROMAQUIA NACIONAL



Diamantino Viseu no posse de sua invenção — a «diamantina» — à sacada em ombros depois de sua acção

## Diamantino Viseu

QUINZE dias passados sobre a última corrida da feira de Vila Franca, quasi extinto o clamor dos aplausos e já refectos da surpresa, é altura de se apreciar a acção extraordinária de Diamantino Viseu sob um ponto de vista que abrangia todo o panorama tauromáquico português.

O que esse rapaz executou no mais castiço redondel ribatejano, tem um significado e expressão a que é preciso dar relevo, pois desde logo constituiu facto da história do toureio em Portugal, ou, mais propriamente, dos toureiros portugueses.

Vários tentaram já ir além do ambiente insípido do toureio português; mas nenhum ainda conseguiu convencer, talvez porque a sua lousável aspiração não conseguiu romper o cenário familiar das praças nacionais, ante públicos que batiam umas palmas condescendentes, mais paternas que entusiasmáticas, mais gentis que sinceras, de acordo com o labor desses toureiros revelando pouco mais que vontade, muita vontade, às vezes vontade até de mais. Estilo de toureiro, personalidade definida, valor real e indiscutível, certo ar de seriedade, eram circunstâncias de que o público se não apercebeu nunca. Dessa forma todas as tentativas se foram dissolvendo na indiferença dos afeiçoados, sem marcar uma etapa ou indicar uma possibilidade segura. Enraizou-se a crença de que um português jamais poderia atingir categoria apreciável na verdadeira arte de tourear a pé.

Tal crença desfêz-se em Vila Franca ao brando andar do capote de Diamantino quando, os pés assentes na arena, a figura erguida e quieta, espalhou pelo ambiente o perfume caro de duas «averónicas» majestosas, lentas, toureiras! Nesses lances revelou-se valor, calma, estilo e sobretudo qualidade — categoria — uma categoria que não podíamos acreditar que fosse possível num toureiro português.

Quando bandarilhou, houve deslumbramento nesta tradicional terra de bons bandarilheiros, onde até «Gordito» veio colher elementos de triunfo. Três pares enormes, raros, saíam deles como ninguém. Com a «emuleta», ante um touro difícil, foi ainda Diamantino o toureiro sério, sempre elegante sempre sobre, sempre galhardo, conhecido já de alguns dos sublis segredos que só na péria de «cuerteras» se aprende a desvendar. O público, como se na praça estivesse despendando uma dessas figuras grades do toureio espanhol ou mexicano, entregou-se e aplaudiu delirantemente, não movido por sentimentos de patriotismo ou condescendência, mas animado pelo mais puro entusiasmo admirativo.

Nunca assim se festejou outro toureiro de pé nascido neste país de sol

que o Oceano bella, mas tem do outro lado a Espanha que, fidalgamente, recebeu o nosso compatriota para o devolver como o vimos — toureiro dos pés à cabeça, de qualidade requintada, de estilo pessoalíssimo, mas perfumado pelos ares de Guadalquivir.

Todos os requisitos necessários para acalentar o sonho de brilhar um dia no firmamento tauromáquico da península, temos Diamantino Viseu — o toureiro que desmentiu tudo quanto era tido como dogmas tauromáquicos da nossa terra e abriu novos horizontes, novas perspectivas — farol de luz viva indicando uma rota e erguendo uma verdade nova no panorama tauromáquico português.

Não quer isto dizer que decalcando o traço do seu caminho se atinja o que Diamantino já é e pode vir a ser. Não! O génio, a chama divina que eleva o homem às regiões do belo, não pode adquirir-se; no entanto, mesmo tendo em conta o seu caso artístico, absolutamente extraordinário, é de crer que outros possam surgir ou tenham passado despercebidos por falta de ambiente propício ao desenvolvimento de dotes naturais.

Um Diamantino Viseu principia uma época nova nos anais da tauromáquia portuguesa.

Estabelecida a certeza de que em Portugal também é possível nascer-se com um espírito iluminado para o toureio sério, essa certeza pode e deve revolucionar a estrutura do espectáculo de touros em Portugal. Se tal se der, se a festa entrar decididamente no caminho da verdade, tria-se-lhe automaticamente aquele clima propício ao desabrochar de vocações. E surgirão os casos raros, sob o figurino de «Manoletes», como os de vontade, semelhantes a esse extraordinário Ortega que tão pouco deve à inspiração e ao sentido artístico. Pelo contrário, se continuar o mesmo estado de coisas, a aparição deste rapaz, longe de ser útil, pode atrair com outros para lá das fronteiras pétricas, em busca de um triunfo que bem pode converter-se em desluzido e ruína. Perante o exemplo magnífico, há que pugnar como nunca pela verdade do espectáculo tauromáquico em Portugal, já para seu próprio decréio, já para evitar que alguns, menos fadados, julgando fácil o que é impossível, corram cegos em busca dum ambiente que se lhes deve proporcionar na sua própria terra, tornando possível tentar a realização dos seus sonhos sem risco demasiado.

Por tudo isto, a apresentação de Diamantino Viseu não deve ficar no campo restrito de uma referência ou da crítica vulgar à acção dum toureiro. Tem expressão nacional.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



Tem verdade o «manolete» assim executado



Lançando a «averónica» com impressionante suavidade



Neste «natural» há verdadeira classe

(Continuação da página 10)  
 pinturas que nunca em outros hor-  
 rizontes que a negra do mar e as gal-  
 vatas, e as bombas de S. Pedro de  
 Alcântara convocando nas criptas das  
 lerejas. Janelas e trepadeiras refri-  
 ridas, vasos de mangleiros—solu-  
 rar bairinho de costureiras andanças  
 de peito no estertor da agonia e  
 gingar de falas a deitillar a ban-  
 deira sentimento na lamparina do  
 tradiçào, a arder por voto da amo-  
 cida piqueira nacional—e que quer  
 ser forte, amando a mesma da anato-  
 mia.

Ora, dentro deste acanhado âmbito,  
 de ruínas mal cheirosas e de recan-  
 tos úmidos—o viver da cidade era,  
 como não podia deixar de ser, rotí-  
 neto—um tear contínuo de intri-  
 gas cercadas à luz do gás e de mer-  
 cades de arcaçães, na lamparina do  
 tradiçào e espadachim como hoje se  
 usa a Parkers.

Evidentemente que o amor do  
 bôco era coisa falada. Abel Botelho  
 descobriu a Alda, batendo o tacaço  
 no arcaçõe e costureiras andanças,  
 em estúrdia, ardorosos e dandis do  
 lamacão—eram a mensagem das re-  
 ções futuras, fadas, calcetões vi-  
 jantes do mercúrio, furduncos vivos  
 dumia sociedade já só tratável a 914.  
 Foi assim que Rosa Araújo pôde  
 arejar Lisboa,strandando-o no Passelo  
 Público, que seria para todo menos  
 para Passelo. Foi feira gulsanhista,  
 de fantoches e de fogo de vista de  
 se dar a bôca. Alguns quermesses  
 de caridade para vestir crianças dos  
 asilos—com meninas da sociedade  
 a servir stoucinho do eús e outras  
 gotulmeias de Ovelhas—deram ao  
 Passelo Público a ambiência esnoba-  
 do agarden-parça dos nossos dias...

Quando Rosa Araújo deu as macha-  
 dadas no velho Passelo cairam-  
 he em cima—para mais que de era  
 pasteleiro—chorando de sentimento  
 e aferventados adeptos da tradiçõe  
 Bem se impozão de com isso. A  
 obra havia de se fazer. Dizem que  
 houve xeliques—e vendeu-se imensa  
 flor de laranja para o fátas de cer-  
 tas damas que falavam do emeu  
 Passelo como se aquilo estivesse  
 arrendido aos bôcos magros dos  
 dez réis—e do capilé de Santo  
 António. A avenida esplendores,  
 abriu, num raso luminoso, no resto  
 enrugado dumia cidade velha e de-  
 seada, que, com tanto ar, tinha  
 mádo de se constipar. O Passelo Pú-  
 blico era a cidade com lenço na ca-  
 beça, uma velha embolçada, com  
 médo de alrir os olhos.

Dancei com um crimi-  
 noso de guerra

(Continuação da página 21)

multo, o Dr. Ley, o seu adjunto,  
 Dr. Montey e muito mais gente!  
 Calculei o desfile foi na rua, mas a  
 festa foi numa casa de espectáculos,  
 cujo nome não me lembro, mas  
 muito maior do que o nosso Coliseu.

—Diga-me uma coisa, Sára: que  
 grupos agradaam mais?  
 —Ei lá, sena bestiar.  
 —O nosso e o espanhol.  
 —E o passeio de barco, quando  
 foi?

—Depois da festa. O Dr. Ley con-  
 vidou-nos a ir com ele à Noruega,  
 no barco que tem o nome Colista e  
 sua esposa tiveram, para conosco,  
 requintes de amabilidade!

—Admitte-se, agora, deile ser um  
 dos criminosos de guerra?  
 —Eu, de política, não percebo nada!  
 Só sei que me convidou para  
 dançar—e que dança bem!

—E de que mais se lembra?  
 —De que a orquestra de bordo  
 era esplêndida, a viagem foi enca-  
 nadora e estivemos todos, eu e os  
 meus colegas, muito bem dispostos.  
 Foi nesta altura que a Sára nos  
 mostrou as fotos que illustram estas  
 páginas, que nós, lhas pedimos em-  
 prestadas e que ela, que não é nada  
 tida, percebeu a razão de tantas pre-  
 guntas.

¡Nervosos! ¡Esgotados!

O excesso de trabalho, as preocupações,  
 a vida dinâmica, produzem um desgaste  
 no seu sistema nervoso, a parte mais nobre  
 do organismo



Os nervos, sempre molastros, tornam-se mais doados nos seus nervos esgotados

Os desgostos familiares são muitas vezes a causa do esgotamento dos nervos

Quando os nervos estão irritados a minima coisa resolve-se com violência

A enfermidade, o cansaço ou o aborrecimento podem vencer-se alternando o trabalho com o sistema nervoso

As preocupações e desgostos alteram o sistema nervoso produzindo a irritabilidade

Um homem de negócios necessita saúde e energia para desenvolver a sua actividade sem desfalecimentos

Os nervos cansados são responsáveis de sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionar melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero  
 SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

—Eu sou fotógrafo. Amo a minha profissão. Penso morrer com esta paixão, que nunca mais me largarei de mão que «disparei» pela primeira vez... Toda a minha actividade tem sido encaminhada para o aperfeiçoamento da minha arte.

—E já no aperto de mão: —No cinema nacional tenho empregado o melhor do meu esforço. O meu nome é «Pupilas do Senhor Retolho». A crítica deu-me ensaio a produzir. E eu vou indo, sempre a trabalhar!

Um novo filme Luso-Espanhol

(Continuação da página 5)

É tempo de dizer que uma firma espanhola fotografa, com destino a esta produção, as fases mais emotivas da «Volta» — material precioso que dará fragorosas apostas de competição com o mérito de ser a produção da realidade.

Além dos artistas a fazer referimos, é possível que Estêvão Amarante e Oscar de Lemos sejam convidados para papéis importantes.

Teresa Casal encarnará a figura de «Marlene», uma aventureira que acompanha a «Volta» e tem uma acção decisiva sobre o desenrolar da mesma. A «fotógrafa», uma jornalista desportiva feita à pressa.

Digamos, a concluir, que só depois de filme Artur Duarte dirigirá o filme «Volta» e tem uma acção decisiva sobre o desenrolar da mesma.

—Um homem de negócios necessita saúde e energia para desenvolver a sua actividade sem desfalecimentos

—E este adiantamento permitirá que Tony d'Alcy venha a desempenhar o papel que lhe estava destinado naquela filme, projecto que a sua viagem à Argentina havia prejudicado—e que se seu próximo regresso novamente integra no domínio das possibilidades.

O VELHO PORTO  
**Niepoort**  
*sabe-se a quem sabe*  
 SIMPLES COINCIDÊNCIA  
 DO PLÁGIO?

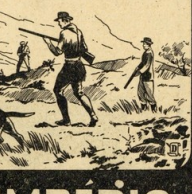
(Continuação da página 5)

missão cinematográfica, a deslocar-se oportunamente, encontre as indispensáveis facilidades.

A circunstância do projecto ser conhecido em Espanha, o tema do filme de Juan de Orduña, e, finalmente, a extraordinária semelhança do título—são razões que levam algumas pessoas interessadas na realização do filme «Missão Branca» a pensar que se não trata de mera coincidência. E afirma-se, nos meios cinematográficos, que Leitão de Barros errou as diligências necessárias para assegurar a prioridade dos seus direitos, no caso de se verificar que eles não foram devidamente respeitados.

«Missão Branca» e «Missão Branca em Guiné!» Simples coincidência de temas e de título? Ou plágio puro e simples? Eis o que o tempo—e as diligências em curso—nos dirão oportunamente.

...SEGUROS CONTRA TODOS OS RISCOS DA CAÇA NA



COMPANHIA DE SEGUROS

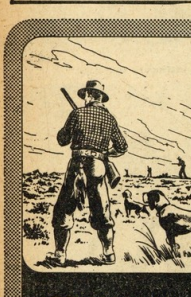
COMPRADO PELA MÃE

Comprou-a para si e para o seu filho. Agora está o pai o tom!

LAXOBAC o novo chocolate laxativo é o remédio para toda a família. Sua v. é mais firme-mente, e a laxobac obriga os intestinos a uma regularidade de funções cronométricas e o seu sabor é tão agradável que todos gostam.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Eucardio 1850 e 12800 cada caixinha Lembres-se do nome.



COMPANHIA DE SEGUROS

TIMA GOTA DE «HERPETOL»

o o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (ponto, ou soro), crostas, feridas, arruções, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias Preço avulso: 11800



III  
POR  
JOSÉ CORREIA  
RIBEIRO  
CONTINUAÇÃO  
DOS NÚMEROS  
ANTERIORES

# NOS BASTIDORES DA RENDIÇÃO DA ITÁLIA COMO FO PREPARADO EM LISBOA, O ARMISTÍCIO ITALO-ANGLO-AMERICANO

As despedidas foram menos emocionadas do que os cumprimentos de chegada na noite anterior. Os oficiais e diplomatas aliados apertaram as mãos aos dois italianos, se não com completa amizade e cordialidade, pelo menos com consideravelmente menos frieza e suspeita do que tinham sido demonstradas nos ligeiros acenos de cabeça com que os tinham recebido na noite antecedente.

Os generais Smith e Strong mergulharam-se em reconfortadores banhos, almoçaram juntos, ouviram e leram outros livros, que há mais de nove meses não viam nas cantinas militares do Norte de África e prepararam-se para partir para o quartel-general aliado, embora muito cansados, pois não tinham tido tempo para dormir.

Um avião aguardava-os, ao meio-dia, para os transportar para fora de Portugal. As seis horas e meia dessa manhã teriam chegado a Argel e davam parte da sua missão ao general Eisenhower. Havia precisamente dois dias que tinham saído de África com este encargo.

Entretanto, os italianos tinham de permanecer em Lisboa até à chegada do embaixador do Chile, o qual era o pretexto oficial para a estadia em Portugal dos dois representantes de Badoglio. Estes deviam encontrar-se com o embaixador e regressar à Roma num comboio especial, preparado para transportar também a outra missão diplomática italiana que, nessa altura, fora dada como suspeita de estar a preparar a missão que aqueles dois funcionários tinham acabado de completar.

O navio que trazia o embaixador italiano chegou bastante atrasado a Lisboa e mesmo depois da sua chegada, registaram-se ainda certas demoras para se conseguir o comboio especial. Deste modo, foi só a 23 de Agosto que Castellano e Montanari saíram da nossa capital.

## UMA VIAGEM MEMORÁVEL

Durante a sua estadia aqui, tanto Castellano como Montanari usaram nomes falsos para despistar a Gestapo e não foi sem surpresa que eles se viram de novo a caminho de Roma sem terem sido importunados.

Porém, as suas apreensões não terminaram à saída de Lisboa. Os alemães ainda podiam vir a saber do que se passara na capital portuguesa

e detetar o comboio na França de Vichy controlada pelos nazis. Se fossem apanhados, tinham os seus dias contados...

Simultaneamente, estas apreensões contrastavam, curiosa e estranhamente, com a enorme quantidade de encomendas possuídas por outros viajantes. A maior parte destes preocupavam-se com a possibilidade dum bombardeamento aliado que podia destruir o comboio de pontia a ponta no momento de atravessar o norte da Itália.

Castellano e Montanari sabiam perfeitamente que isto não sucederia. Um dos preparativos essenciais para a sua viagem de regresso, de modo a garantir que as condições aliadas fossem entregues a Badoglio com a maior segurança e rapidez possível, fora o envio dum plano ordem secreta aos comandos de bombardeiros tanto britânico como noroeste-africano de que se interrompessem todas as operações de bombardeamento da via férrea Génova-Roma até à chegada a Roma dos dois enviados. Assim, enquanto os seus comitridos se preocupavam com os bombardeamentos, os emissários de Badoglio preocupavam-se com a Gestapo.

Novos contrastes se revelaram durante esta memorável viagem de regresso a Roma. O embaixador do Chile, como era natural, tinha curiosidade em saber o que se passava na sua Pátria. Por isso, as conversas centraram-se exclusivamente sobre os acontecimentos políticos das semanas precedentes — a queda de Mussolini, a abolição do partido fascista e, mais especificamente, a discussão sobre qual seria o futuro da Itália se, sob a direcção de Badoglio, continuasse, como estava a fazer, a sua colaboração militar com a Alemanha.

Embora tomassem parte, interessada e delicadamente, nestas conversas, o general Castellano e Montanari sabiam melhor do que ninguém qual era o futuro da Itália...

Queimando como um ferro em brasa, lá estava dentro da algeibra interior do caacoo de Montanari, enquanto conversava aparentemente calmo sobre a incerteza do futuro, um esboço das condições de armistício que ia entregar a Badoglio.

E assim este comboio especial repleto de italianos, divididos por duas espécies de medo e contendo um segredo explosivo enerrado no íntimo de seis homens, rodou vagarosamente

rosamente através do Sul da França, com destino à capital italiana.

Entretanto, o período de espera acorreu-se e o nervosismo começou a insinuar-se tanto em Argel como em Roma. Badoglio e o seu governo soavam desesperadamente as unhas enquanto aguardavam a chegada de Castellano e Montanari. Teriam sido presos pelos alemães e talvez assassinados ao atravessarem a França?

Em Argel, o aparelho de rádio-recepção estava preparado e aproximava-se a passos largos o dia 26 de Agosto, a data designada em que a mensagem previamente preparada, deveria ser recebida de Roma a indicar que as condições tinham sido entregues ao governo italiano e que estava aberto o caminho para se proseguir com as negociações.

## UMA NOVA MISSAO EM LISBOA

Precisamente, em pleno período de dramática espera, deus-eu um novo acontecimento que lançou sobre o campo aliado uma chuva de dúvidas e suspiros. Um novo negociador italiano fez súbito e inesperado aparecimento em cena. Era o brigadeiro-general Giacomo Zanussi, membro do Estado-Maior do general Mário Roatta.

O general Mário Roatta era o chefe do Estado-Maior do exército italiano; possível opositor, portanto, do chefe de Castellano, general Ambrósio, que desempenhava as funções de chefe do Estado-Maior General de todas as forças armadas italianas, designação em que estavam incluídos o exército, a marinha e a aviação.

Zanussi chegou a Lisboa acompanhado por um secretário e em vez de credenciais que garantisssem a sua hoste-ria para com o comando aliado, trouxe consigo um general britânico! Este era o major-general A. Carton de Wiart, que fora aprisionado pelos italianos durante a campanha do Mediterrâneo em 1941, quando o seu avião particular fora forçado a fazer um aterragem por detrás das linhas italianas.

O nervosismo e a tensão motivados pela demora provocou este novo passo do governo de Badoglio. Como, nas presentes circunstâncias, tinha sido impossível estabelecer comunicação com Lisboa, Badoglio nada sabia a respeito de Castellano.

Não sabia, portanto, da demora provocada pelo atraso do navio do embaixador vindo do Chile e da ne-

cessidade de arranjar o comboio diplomático especial para regressar a Roma.

Entretanto, o marretamento implacável do sul da Itália pelas forças aéreas aliadas aumentava de intensidade. A área de Nápoles e Foggia era sujeitada a bombardeamentos diários e as esquadras anglo-americanas aproximavam-se cada vez mais da litoral italiano para disparar as temíveis descargas dos seus canhões de dezasseis polegadas. Segundo tudo indicava, estava prestes a soar a hora em que a Itália iria sentir os terríveis efeitos dum invasão em grande escala.

Uma vez chegado a Lisboa, o general Zanussi explicou esta ansiedade italiana em termos muito pouco elucidativos. Como o governo italiano enviara um emissário que não regressara no tempo estipulado — disse o marechal tinha naturalmente ficado muito preocupado e escuchoera-o e lhe para proseguir a missão. A sua partida apressada de Roma e a falta de quaisquer preparativos prévios tornara impossível o fornecimento de credenciais por intermédio do embaixador britânico no Vaticano, como acontecera com Castellano. Porém, o general Carton de Wiart — salientou — podia testar a autenticidade da sua missão.

Toda esta história foi acete com grandes suspeitas tanto em Lisboa como em Argel, para onde a notícia da chegada de Zanussi fora imediatamente telegrafiada.

A falta de credenciais, especificamente a autorização de Badoglio para que Zanussi entrasse em contacto com os aliados, pareceu bastante esquisita, principalmente por um motivo — o seu próprio, general Roatta fora durante vários anos soldado militar italiano em Berlim e era considerado de todos os oficiais do exército italiano o mais íntimo e mais simpático com os alemães.

Isso podia não querer dizer nada; mas, mesmo podendo existir uma possibilidade de tração dos italianos, havia mais a probabilidade de Zanussi representar uma principal da Itália completamente distinta, um grupo militar chefiado por Roatta que se opusesse ao grupo de Badoglio e um novo grupo militar que tentasse abrir caminho para as negociações e juntar-se aos aliados independentemente de todos os outros agrupamentos.

(Continua)



Foi na Conferência de Quebec que Churchill e Roosevelt aprovaram as condições de armistício. Na foto vê-se Mackenzie King, acompanhado pelos dois grandes estadistas, durante uma conferência concedida a imprensa.



QUANDO na Estação del Norte tomámos o comboio da Galiza haviamos já arrumado no nosso cérebro um certo «parti-pris», súmula de mil e um pormenores, entre os qual a nossa amizade com muitos galegos de Madrid era o de maior valla e consideração. Querêr dizer, não partíamos para o país galego inconscientemente, despreocupadamente, como aqueles viajantes franceses do século romântico que por terem muito dinheiro desambulavam pelo Mundo não para verem, mas sim para serem vistos...

De facto, após termos atravessado todo aquele plano de Castela e Leão, onde os homens se consomem em mistérios os ardem em ancestrais ferozes bélicas que acimam na carne viva de touros sem sorte em improvisados rondéis de vilas e aldeias perdidas no desampado triste, os nossos olhos, já fatigados da monotonia da infirmia planície amarelenta onde um riacho é uma bõca, notaram, talqual as haviam imaginado, logo que se tem a se lançou a correr à beira do Minho, as ridentes al-rias galegas de uma paisagem bem diferente da que para tráz ficara. Os campos começam a acuar nitidamente a sua irmandade com as terras de Trás-os-Montes, que sabemos lá mais para baixo, para, a partir de Monforte, villa célebre e entroncamento ferroviário, se abrirem puma sintonia de verdes fortes em que os terrenos de milho, os vinhedos de embarrado a emoldurarem caixas brancas nos garantem que já estamos próximos de Braga, — perdido, em plena Galiza...

A semelhança entre o nosso Minho e o país galego é total, completa, a menos a dizer—Inadmissível... E quando, chegados a Friteira o rio Minho se apresenta como fronteira natural entre os dois estados ibéricos, aquela sensação inédita de antemão sonhada de vermos de novo terra portuguesa é esterilizada atrozmente pela igualdade paisagística das duas margens do rio luso-galego que ali corre entre montanhas ravinosas mal enroupadas numa agricultura pobre de milhos e porreiras. E milho-milhos, milho-milhos vinhavilhas, vinhavilhas... o comboio canta nos cantos a canção fatigada daqueles verdes sempre iguais: Ribadavia, Arbo, Melgaço, Monso, Galiza, Igual: Espanha e Portugal, trouxeram-nos à mente um



As praias galegas são das mais lindas do mundo. Esta é a de Somil. Fica a uns minutos de Vigo e vai-se até lá num encantador comboio eléctrico, muito branco, que, entre o verde forte, mais parece coisa de sonho!

# VIGO

## A MANHAS PORTUGUESA DAS CIDADES DE ESPANHA

### APONTAMENTOS DE VIAGEM DO NOSSO CORRESPONDENTE EM ESPANHA

# LUZ DE QUADROS

certo quadro «póstata» que a um dia vimos e a que o «Pintor» chamara «Peccado Verde...». Sim, é que aquela irmandade paisagística é também um «peccado verde» da senhora História, velha matrona sem escrúpulos nascida para desagradar aos homens...

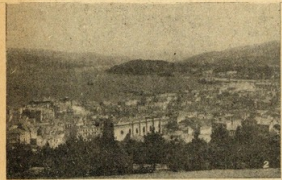
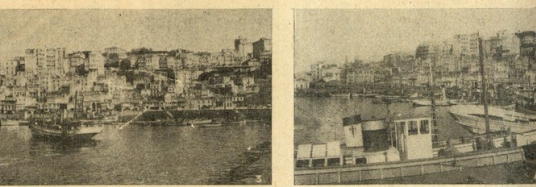
É, qual note quando chegamos a Redondela. Já vinte e seis horas que deixámos Madrid a suor de calor e de aborrecimento. Uma «cênia guapa», se nosso lido, afirma-nos então que o nosso tormento em viajarmos numa velha carruagem sem conforto e para êmulos iluminada a azeite, onde a democracia era um facto, — mas uma democracia perfumada a suor castelhano e apertada entre cascos de fruta e sacos roupeiros, — vai terminar. E a «cênia guapa» (as espanholas de vinte anos são todas guapas) não se cala: «Mira, mira... és Vigol». Olhamos, e centenas de pontos luminosos confirmam a exclamação. Mas aquelas luzes pouco tempo nos interessaram, após a elegância de uma curva na montanha, já com o Sol escondido pela serraania imensa, vivendo a terra os trágicos minutos do anoitecer, um lindo lago desenhava-se nos inesperadamente perante os nossos olhos golosos de panoramas de sonho. Mas o lago não era um lago... era sim a magnífica ria de Vigo bordada de altas e suaves montanhas verdes que a apertavam, que a cingiam elegantemente num braço arrogante e ao qual um linda ilha, no meio das águas azuis, parecia fugir como que num alroso desafio a que a sensualidade do ar emprestava laivos de voluptuosidade de cena animal... Em nós, uma alma nova nasceu!

Vigo, com uma população de cem mil habitantes, é uma das mais ricas cidades do norte da Espanha. Industrial por excelência, vive quasi a bem direito do Mar e para o Mar. Grande centro conservateiro na margem occidental da sua ria, está localizada a maior fábrica de conservas de peixe de toda a Península, a sua capacidade de laboração atinge cifras astronómicas. Mas, entretugas quasi por completo às lides marinheiras, os vigueses são também mestres na construção naval. A quasi totalidade dos seus barcos de pesca, que deve andar muito perto das quinhentas unidades, safu os seus estaleiros de Bouissa, pequena localidade de pescadores um pouco ao sul da cidade. É que Vigo abunda de peixe fresco grande parte das províncias de Espanha e ainda Madrid... Comercialmente, tem, igualmente, grande importância, dado que é o principal centro fornecedor de grande parte do país galego. Vigo é, pois, talqual o nosso Porto, cidade a que muito se assemelha, uma catedral de

trabalho, onde a vida de mundanismo é coisa secundária e portanto sempre abaixo da preocupação diária dos vigueses: trabalhar, trabalhar muito. Contudo, e ainda sob a sua tradicional insipidez marinheira, a juventude viguesa viu este ano reatada uma das suas maiores ambições — a posse de um «clube náutico». De facto o edificio onde se encontra instalado o melho: clube de Vigo, inaugurado festivamente com as últimas regatas luso-espanholas, é qualquer coisa de esplêndido sob todos os pontos de vista. Projectado sobre as águas da ria, o Clube Náutico, com as suas magníficas instalações desportivas e as suas bem decoradas salas, deve ser hoje em dia o melhor edificio no seu género em toda a Península e talvez mesmo um dos melhores da Europa.

Contribuindo com o seu esforço para o progresso da bela cidade galega, três mil portugueses ganham ali honradamente o seu pão trabalhando nos mais diversos mistérios. O «Centro Português», do qual é presidente o senhor Julio Neiva, consquista interesse na sua benéfica acção educativa quatrocentos e tal membros da colónia portuguesa, dispensando toda a protecção que os seus estatutos lhe permitem a quantos compatriotas batem à sua porta, sem que o Estado português gaste um centavo sequer nesta bela obra de assistência moral e estamos em crer que social também... Encontrámos, triste é dizê-lo, em Vigo, inúmeros portugueses já totalmente esquecidos do seu idioma pátrio. Não seria de aconselhar a que o Secretariado Nacional da Informação, da Cultura Popular e do Turismo mandasse todos os meses um conferencista ao «Centro Português de Vigo» para que, sem qualquer preconcebida idéa politica, falasse àquela gente das coisas de Portugal — e em português...

Sob uma chuva miúdiinha deixámos Vigo. A sua ria, vista do alto da estação (uma estação de caminho de ferro imprópria de tão limpa cidade) era uma mancha acinzentada para lá do cortejo de água que não cessava de cair. E quando em Guillarê tomámos o comboio que nos havia de conduzir a Portugal, uma certa saúde apodera-vase de nós e pedia-nos para voltar... No nosso bloco de apontamentos alguns nomes de simpáticos rapazes vigueses entre os quais o do chefe de Redacção do «Pueblo Gallego», do redactor do mesmo diário Carlos Herrero e do amabilíssimo J. Villar, afirmavam-nos ainda que os portugueses não são estrangeiros na Galiza... Chovia ainda quando entramos em Valença, a villa portuguesa eterna enamorada de Tuy...



Vigo, na margem oriental de linda ria, é uma catedral de trabalho, emoldurada de suaves montanhas verdes. Para os portugueses do Norte, esta foto traz-lhes, com certeza, o pensamento, o pitoresco Barredo portuense... Mas é um trecho do porto de Vigo! Barcos, muitos barcos, eis o que se vê sempre no porto de Vigo. Estes são pequenos trainceiros, mas, qualquer dia, agora que a guerra findou, voltarão os grandes transatlânticos dos linhos de Africa e da América.



— SOU TOJO! — GRITOU ELE, AO APARECER À JANELA DA SUA CASA.

FOI ESTE O SEU GESTO PARA OS JORNALISTAS. DEPOIS, RETIROU-SE PARA DENTRO E OUVIU-SE UM TIRO.

# QUANDO O GENERAL TOJO SE QUIZ SUICIDAR!...



UM MÉDICO JAPONÊS, CHAMADO À PRESSA, SOCORRE O GENERAL TOJO. MAS NÃO CONSEGUE ESTANCAR-LHE O SANGUE, E É RECLAMADA A PRESENÇA DUM CIRURGIÃO AMERICANO.

**Q**UANDO os soldados americanos, vencida a resistência dos japoneses, se dirigiram a casa de Tojo para o capturarem, o ministro japonês surgiu a uma janela e gritou: — Sou Tojo!

Depois, parece que por falta de tempo para fazer «hara-kiri», Tojo desfechou uma pistola no peito. Os seus captores correram para o salvar, mas um médico japonês que compareceu não conseguiu estancar-lhe o sangue.

Foi um capitão-médico do Exército americano quem o salvou, com plasma sanguíneo, e um jornalista americano lamenta que esse plasma se tivesse gasto com Tojo, que acabara por ser fusilado...

Na opinião desse jovial camarada norte-americano, os criminosos de guerra deviam suicidar-se — mas de forma a não haver salvação possível. Assim se pouparia tempo — e dinheiro...

Mas Tojo salvou-se, entrou em convalescença — e acabou por entrar no cadeia completamente curado.

O famoso general japonês vai ser, agora, julgado. E na altura do fusilamento, não haverá plasma nem médico americano que lhe valha...



AQUI O YEMOS ESTENDIDO, COM UMA BALA NO PEITO.



— NÃO QUERO SER OPERADO! PREFIRO MORRER! — DIZ TOJO AOS MÉDICOS.

Sára Rafael, na nossa redacção, lê um dos últimos números de «Vida Mundial Ilustrada».



Esta foto mostra-nos a Sára no seu papel de filme «José da Telhada», prestes a estreiar-se.

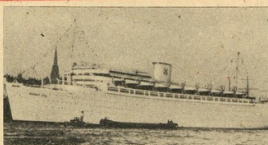
# DANCEI COM UM

# CRIMINOSO DE GUERRA!



Sára Rafael com um actor da cinema alemã, de cujo nome não se lembra. Vejam os leitores se o conhecem...

O grupo de bailarões portugueses que foi dançar a Hamburgo. Sára Rafael é a última da esquerda.



1) Neste grupo vemos o artista Augusto Soares, que ensaiou o grupo de baillás das portuguesas, a Sára Rafael vestida de espanhol e duas bailarinas do grupo espanhol vestidas com trajes regionais portugueses. — 2) O belo barco «Robert Ley», onde o chefe da Frente de Trabalho Alemã proporcionou um belo passeio aos artistas portugueses. Foi a bordo e nesse passeio que a Sára dançou com um criminoso de guerra... — 3) A bordo, a caminho de Hamburgo.

4) À porta do Jardim Zoológico de Hamburgo, onde o Dr. Ley levou os artistas portugueses.

# UMA ENTREVISTA COM A ACTRIZ SÁRA RAFAEL



Goering e o Dr. Robert Ley assistem ao desfile dos grupos folclóricos, em Hamburgo. Este foto tem uma dedicatória do Dr. Ley e a data.



A Sara, a bordo, está pensativa. Talvez saudades de Portugal!



Aqui, já está mais contente!



Em esta foto já e vemos, francamente, bem disposto!

**N**ÃO sei se os leitores conhecem a Sara Rafael. É uma rapariga simpática, bonita, sossegada e pacata, que é actriz mas ainda não teve a sorte de acertar com um daqueles papéis que servem para revelar uma artista. A crítica tem-na elogiado, o público aprecia a sua figurinha gentil e a sua voz suave, mas as reais qualidades que a Sara nos parece possuir ainda não tiveram ocasião de se mostrar... Mas ela não tem pressa, parece ter confiança em si e saber esperar—e ver-se-á que há de chegar a sua hora!

Pois há dias, estávamos nós a falar à Sara Rafael, quando veio à conversa o caso do julgamento dos criminosos de guerra. «E ela teve esta frase:—Que pena, o Dr. Robert Ley ser um deli- cioso! É uma pessoa tão amável e tão simpática! Muito naturalmente, perguntámos:—Porque diz isso? Conhece-o?»

—Se conheço! Até passeei de barco e já dancei com ele! É claro que não deixámos a conversa ficar por aqui. E começámos a fazer perguntas sobre perguntas, às quais a Sara, gentil e pacientemente, foi respondendo...

—Quando o conheceu?

—Em 1936! Foi dançar a Hamburgo, numa grande festa folclórica em que se fizeram representar muitas nações!

—Diga-me algumas!

—A Inglaterra, Espanha, o México, a Holanda... E muitas mais! Carla uma levava a sua orquestra! E a FNAT organizou

um grupo de bailados, que foi ensaiado por Augusto Soares, que nos acompanhou nessa viagem!

—E gostou?

—Fomos tratados com tanta gentileza! E à festa assistiram pessoas de todas as classes sociais, que aplaudiram com tanto entusiasmo que chegavam a assustar-nos!

—Mas porque?

—Porque aplaudiam a bater com os pés—como cá em Portugal se padeia!

E a Sara ri, de gozo.

—Nada do que viu na Alemanha lhe fez prever que estava em vésperas de nova guerra?

—Eu lhe digo: De Hamburgo fomos a Berlim, e, pelo caminho, das janelas do «auto-cara em que viajávamos, só víamos stanks» e metralhadoras! Parecia uma imensa parada! E até me lembra que, em Berlim, assistimos a um exercício de ocultação de luzes, como o que houve cá!

—Que números dançaram na festa, lembra-se?

—O «Vira», do filme «As Papilas do Senhor Reitor», que fez um êxito louco e tivemos que repetir! E muitos outros números portugueses!

—Hitler assistiu à festa?

—Não assistiu. Quem esteve lá foi Goering, que aplaudiu

(Continua na página 16)





# PASSATEMPO



ORGANIZADO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para o Rua Marques, 54, da Glândia, 106, 3. - LISBOA



**A «VEDETA»** — Quando estava a tomar banho, vi uma cabeça de homem pela bandeja da porta...

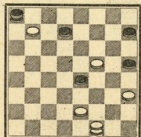
**O GERENTE** — Atirego-lhe que não era ninguém da casa! O pessoal do hotel só está autorizado a espreitar pelas fechaduras!



COMPOSIÇÃO N.º 75 (Final)

«La Provincia», 7/6/945  
(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Lusada XIX»



Jogam as brancas e ganham.

(Secção portuguesa)

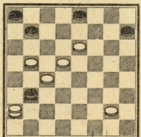
PROBLEMA N.º 37

Variável — Inédito

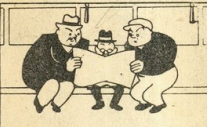
Por António Eduardo Igrejas  
(Melgaço)

«Dedicado ao órgão científico  
«Estratégia Damista»»

Brancas: 5 pedras e 1 «dama».



Pretas: 4 pedras e 1 «dama».  
Jogam as brancas e ganham.



HISTÓRIA SEM PALAVRAS



## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 41 (Concurso)  
Por Rocanoli (Nelas)

ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 — Fazer; molestar. 2 — Suave; mentira. 3 — Pedra do molcho; irado; ódio. 4 — Hábitual; apêlido. 5 — Chefe; espécie de prego. 6 — Corre; coloque asa. 7 — Dançar; indefinido. 8 — Pese; limpo. 9 — Existe; unira (inv.); artigo bíblico. 10 — Cumprimento (verbo); rabino. 11 — Estrota; artigo. 12 —

**VERTICAIS:** 1 — Compartimento; esticada. 2 — Afasta; verter. 3 — Nota musical; infectar; antiga nota musical. 4 — Licor; encenado. 5 — Doidos; lista. 6 — Agora; ranque. 7 — Senko; insecto. 8 — Urubus; estaca. 9 — Ali; varrerá o sal na salina; tempo. 10 — Campos; extruma. 11 — Origem; terra (inv.).

Nota — Foram adoptados para a composição deste problema os dicionários: Roquete (sinónimos), Torrinha e Moreno.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 40

**HORIZONTAIS:** 1 — Concentrada. 2 — Aviz; pum. 3 — Sã; ao muro. 4 — Rica; varal. 5 — Emotividade. 6 — Uiar; erro. 7 — Alti-viv. 8 — Ratas; dirá. 9 — Oram; fã; só. 10 — Mar; remi. 11 — Amarelento.

**VERTICAIS:** 1 — Cã; re; aroma. 2 — Simularam. 3 — Sitara. 4 — Cã; atavam. 5 — Eva; iris; ru. 6 — Nio; fel. 7 — Tai; v. 8 — Madrid; in. 9 — Apurarei. 10 — Duradoiro. 11 — Amob. 12 — as.

## DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora  
(Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE CAMPEONATOS DE «DAMAS»

1.º CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA, DE «VIDA MUNICIPAL ILUSTRADA»

Resultados da 1.ª Eliminatória (Conclusão)

Série B  
Vencedores: Humberto Duarte Silva (Algarve) e Rufino Strech de Miranda (Riba de Ave).  
Eliminados: Manuel dos Santos Nobre (Pernes) e Henrique Abom Frazão (Beja).

Série A  
Vencedor: Delfin Faria Diniz (Famalicão).  
Eliminados: Bento Neves Pizarra (Setúbal), Rogério Fernandes (Melgaço) e Raúl Duarte Girão (Pernes).

FIM

3.º CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS» DO BOMBARRAL  
Terminou em 30/9/945 este campeonato, do qual damos a seguir os resultados:

- 1.º — José Ferreira, 167 pontos;
- 2.º — Eduardo Torres Mascarenhas, 166 pontos;
- 3.º — Joaquim Castro, 165 pontos;
- 4.º — Carlos Coutinho, 162 pontos;
- 5.º — José Cardoso, 144 pontos;
- 6.º — Duarte Cipriano, 138 pontos;
- 7.º — Rodrigo Patuleia, 135 pontos;
- 8.º — Diogo Leonarido, 133 pontos;
- 9.º — Augusto Córtes, 134 pontos;
- 10.º — Armando Afonso Viana, 133 pontos;
- 11.º — João Loureiro, 132 pontos;
- 12.º — Waldemar C. Pêra, 130 pontos;
- 13.º — Raúl Vilas, 130 pontos;
- 14.º — Vitor Manuel Henriques, 126 pontos;
- 15.º — Heráclio Patuleia, 124 pontos;
- 16.º — Luís Duarte, 116 pontos;
- 17.º — Hermínio Barreiras, 116 pontos;
- 18.º — Américo Couto, 110 pontos;
- 19.º — José Maria Nunes Riba, 108 pontos;
- 20.º — Manuel P. da Silva, 106 pontos;
- 21.º — Adriano Silva, 93 pontos;
- 22.º — Manuel Marco, 87 pontos;
- 23.º — Carlos Afonso, 86 pontos;
- 24.º — Tierra Mii-Homena, 83 pontos;
- 25.º — Laurentino V. J. nagre, 82 pontos;
- 26.º — José da Costa Carvalho, 79 pontos;
- 27.º — Joaquim Rodriguez, 78 pontos;
- 28.º — Fructoso Patuleia, 75 pontos;
- 29.º — Salustiano dos Santos, 74 pontos;
- 30.º — Graciano Pascoal, 71 pontos.

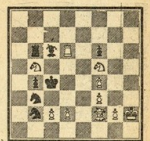
Os prémios constaram de uma taça de prata e quatro medalhas, além de diversas ofertas particulares, de tal forma que todos os concorrentes foram premiados.

Daqui saúdamos todos os eliminados do Bombarral, sendo, desde já, as colunas de «vida

Mundial Ilustrada» a sua inteira disposição.

## XADREZ

PROBLEMA N.º 15  
Por Luís de Macarenhas  
(Premiado no Concurso Loubet)



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14  
(De Hans Lohse)

1. D-c4.

## CHARADAS

Por Nicola F. Telo de Morais (Viseu)

- SINOPADA
- 1) A toda a mulher cruel se devia tapar a boca com resina das árvores. — 3-2
  - 2) Farsa ser de bom aspecto não deve ser rombo. — 3-2
  - 3) No alpendre da igreja encontramos esta medida de capacidade. — 3-2
  - 4) Também há quem faça chupacabras com coque de várias grammeas. — 3-2

NOVISSIMA

5) Pelo processo fica toda a espécie de peixe em má situação. — 2-2

SOLUÇÃO DAS CHARADAS PUBLICADAS EM 18/10/945

- 1) Almoceta. 2) Argola. 3) Calote. 4) Calva. 5) Enna. 6) Enteu. 7) Medicastro. 8) Catadura.

Nota — No número 229 damos a solução das charadas publicadas em 4/10/945, e só por lapsus se lhes atribuiu a data de 27/9/945.

## PASSATEMPO

DUAS PREGUNTAS

- 1.º — Quem inventou o gramofone?
- 2.º — Quem descobriu o rádio?

SOLUÇÃO DAS PREGUNTAS FEITAS EM 11/10/945

- 1.º — Stevenson. 2.º — Congnot. 3.º — Lumière.

SOLUÇÃO DAS PREGUNTAS FEITAS EM 18/10/945

- 1.º — Gilbert. 2.º — Marconi. 3.º — Franklin. 4.º — Isaac Peral. 5.º — Farman.

SOLUÇÃO DOS ANIGRAMAS PUBLICADOS EM 18/10/945

- (34 rectificado)
- 1) Alcante. 2) Ode. 3) Alcobaca. 4) Loyres.

## PALAVRAS TROPOLÓGICAS

Solução do problema n.º 3

J	O	V	O	C	O	T	O	C
N	P	A	N	A	N	A	A	A
E	B	R	E	S	A	R	A	S
Z	X	N	Z	A	T	A	T	A
D	E	P	O	R	O	R	E	N
G	E	R	E	P	O	R	E	N

FERNANDO  
P E S S A

O POPULAR  
LOCUTOR PORTUGUES

LER UMA SENSACIONAL  
ENTREVISTA NA PAGINA DOZE



\* REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA EMENDA, 69, 2. \* LISBOA \* TEL. 2 5844 \*  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMAOS), L. \* T. DA CONDESSA DO RIO, 27.